



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LIESELOTE INÊS SCHMIDT

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-464

Entrevistada: Lieselote Inês Schmidt

Nascimento: 11/08/1958

Local da entrevista: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS

Entrevistadora: Jamile Mezzomo Klanovicz

Data da entrevista: 17/12/2015

Transcrição: Laura Andrade

Copidesque: Pamela Siqueira Joras

Pesquisa: Pamela Siqueira Joras

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 22 minutos e 10 segundos

Páginas Digitadas: 8 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionado.

Sumário

Formação da entrevistada; Aproximação com a área do lazer; Atuação na Secretaria Municipal de Esportes de Porto Alegre; Atuação no Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Preparação como formadora de agentes sociais; Visão sobre o processo de formação de agentes sociais; Acompanhamento dos núcleos; Impacto do trabalho de formação de agentes sociais de esporte e lazer.

Porto Alegre, 17 de dezembro de 2015. Entrevista com Lieselote Inês Schmidt a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. – Bom dia. Inicialmente eu agradeço a tua disponibilidade para conceder esta entrevista e eu gostaria que tu iniciasses contanto sobre a tua formação.

L.S – Eu sou formada em Educação Física pela UFRGS¹. É o segundo curso, não foi a minha primeira opção. Eu mudei durante a formação e o primeiro curso que eu fiz foi Biblioteconomia. Em função do trabalho que eu desempenhava na época eu mudei para a Educação Física porque eu comecei a trabalhar na Febem² e em função disso eu mudei pro curso de Educação Física porque tinha mais a ver com o trabalho que eu desempenhava e me encantei. E como eu já era casada e tinha filho, eu não conseguia fazer todas as disciplinas. Então eu levei mais tempo do que o comum. Levei seis anos pra me formar, me formei em 1990 e atuei na Febem por dezoito anos. Depois passei a trabalhar na Secretaria de Esportes de Porto Alegre. Na Febem eu desempenhava a função de monitora, mas com o trabalho de atividade física com as crianças nos núcleos que a gente atuava. Depois na Secretaria de Esportes eu comecei a trabalhar num projeto chamado Graxaim que era de recreação para crianças de dois a seis anos porque na época não existiam muitas creches, escolas infantis, então, muitas crianças nessa idade não tinham atividades. E a gente fazia esse projeto nas comunidades de periferia de Porto Alegre. Também concomitante a esse trabalho eu comecei a atuar em um outro projeto chamado Brincalhão, que é um ônibus adaptado pra brinquedoteca e como ele funciona em um ônibus, ele é itinerante e vai para todas as comunidades de Porto Alegre. Nesse projeto eu atuei por dez anos e já faz sete anos eu estou na gerencia pedagógica, minha última função desde 2010.

J.K. – E como a temática do lazer apareceu na tua trajetória?

L.S. – Em função desse trabalho que eu comecei...Eu fazia o curso de Biblioteconomia, mas precisava trabalhar. A oportunidade que apareceu foi essa na Febem e aí com o

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

² Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor.

trabalho que eu desempenhava lá eu busquei outras áreas. Eu busquei a área da Educação Física porque tinha a ver com esse trabalho e sempre gostei de atividades de lazer. Sempre desempenhei isso na minha vida, desde de criança eu buscava atividade física, fui baliza de banda de colégio e gostava disso. Gostava de dança...essa área sempre me encantou por opção própria de vida, mas em termos de trabalho dentro da Febem que eu busquei o curso para formação, para poder trabalhar nessa área também.

J.K. – E como tu chegou a conhecer o PELC³?

LS. – O PELC eu conheci através da Rejane Penna Rodrigues que foi Secretária de Esportes de Porto Alegre por muitos anos e depois ela atuando já no Ministério do Esporte. Então ela fez um convite pra alguns professores daqui de Porto Alegre que atuaram com ela enquanto ela esteve no Ministério para se inscreverem na formação com os monitores, os bolsistas do PELC. Então foi através da Rejane mesmo.

J.K. - Como que iniciou esse teu envolvimento com o PELC?

L.S. – Iniciamos em 2006. Um grupo daqui que atuava na Secretaria Municipal, éramos uns seis, oito pessoas no início. As duas primeiras formações foram com o grupo inteiro até para tomar conhecimento de como é que funcionava e como é que a gente poderia atuar. E a partir daí a gente montou um trabalho, sempre íamos em dupla e sempre fazia um rodízio entre as cidades, entre as formações que tinha. A gente fazia esse rodízio para que todos pudessem atuar, mas que sempre tivesse dupla, nunca fosse ninguém sozinho para um apoiar o outro, para ter um apoio melhor, para poder atender melhor o grupo, às vezes eram grupos grandes. A gente chegou atuar em grupos de quarenta, cinquenta. Então era muito difícil se fosse um só. Então a gente sempre atuava de dupla o que facilitava o desenvolvimento do trabalho.

J.C – E como que foi a tua preparação para se tornar formadora, tanto por parte do Ministério quanto por uma busca tua?

³ Programa Esporte e Lazer da Cidade.

L.S. – O Ministério oferecia algumas formações, encontro de formadores, onde a gente discutia as temáticas, como é que ia, qual os temas que a gente ia levar para os que a gente ia formar. E nós, como grupo aqui de Porto Alegre, reunia, se não me falha a memória porque já faz dez anos. Eu não lembro se era semanalmente para montar o trabalho todo, mas a gente tinha uma sistemática de encontro depois que já tinha deslanchado, que a gente já tinha preparado o Power Point, as atividades, as dinâmicas a gente se reunia uma vez por mês pra discutir as formações que a gente tinha ido e para preparar as demais. Nós dividíamos quem ia a qual local e também o tipo de trabalho que seria desenvolvido. Era um trabalho de equipe, a gente nunca tomava nenhuma atitude por conta própria, sempre discutíamos no grupo e via a melhor forma de levar o trabalho adiante.

J.K. – E hoje tu ainda trabalha com o PELC?

L.S. – Não. Eu saí em 2010, atuei de 2006 a esse ano. A partir daí teve em função... com o PRONASCI⁴, teve outro envolvimento porque tinha que estar vinculado a uma universidade e aí eu não tinha como fazer isso naquela época e eu me desvinculei em 2010.

J.K. – E nessa época que tu trabalhava com o PELC, tu chegou a trabalhar nos três projetos?

L.S. – Sim, eu atuei principalmente no PELC todas as idades, depois eu atuei no PELC Vida Saudável e no início do PRONASCI. Eu acompanhava alguns formadores. Teve um momento que dividiu alguns formadores, os que atuavam só no PRONASCI, outros só no Vida Saudável e eu cheguei a acompanhar dois formadores no projeto PRONASCI, mas não era meu foco de atuação.

J.K. – E como que eram desenvolvidas essas atividades de formação do Programa?

L.S. – De formação a gente tinha quatro dias de formação onde tinha atividades teóricas, encontros teóricos, discussões de temáticas, dinâmicas de grupo, atividades esportivas e

⁴ Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania.

a gente também fazia um turno, ou no mínimo um turno, de atividades práticas para que eles também pudessem vivenciar aquilo que a gente estava trazendo e aquilo que a gente acreditava que seria a melhor forma deles atuarem com o público. A gente trabalhava todas as facetas do Programa, desde a preparação das atividades organização do trabalho, avaliação, os eventos que eles iriam organizar. Trabalhávamos também a questão de projetos, de eventos, como é que vão executar, como operacionaliza, as parcerias que eles poderiam desenvolver. Eram quatro dias, oito horas por dia, era um Programa bem extensivo, mas que pegava bem todas as facetas.

J.K. – E eu gostaria que tu me contasse um pouco de como eram as visitas aos núcleos. Desde como eram realizadas as visitas técnicas até as pedagógicas.

L.S. – Certo. As visitas técnicas eram geralmente no primeiro encontro. No primeiro turno de atuação da formação, nos reuníamos com os coordenadores de curso e coordenador geral e aí a gente visitava os núcleos que iam atuar, para ver os locais, ver que tipos de atividades poderiam ser desenvolvidas ali, dar um apoio nesse sentido de formação de preparação para o trabalho pedagógico. A gente via também as possibilidades de atuação pelas parcerias do entorno, o que tinha de entidades no entorno que pudessem fazer parcerias para desenvolver melhor o trabalho. As visitas técnicas eram feitas no decorrer do programa todo, então no início os convênios eram só de um ano, depois é que eles passaram a ser de dois anos. Durante o ano a gente tinha um momento que visitávamos os locais para ver como é que estavam sendo desenvolvidas essas atividades e no final também tinha o módulo de avaliação onde a gente também visitava todos os locais, via o crescimento deles ao longo do projeto. Era importante assistir eles atuando com o público, tanto com crianças quanto com adultos. Isso a gente podia também na avaliação, no módulo de avaliação, dar um retorno para eles sobre isso, qual era nossa impressão pedagógica sobre a atuação deles.

J.K. – E quais foram os locais que tu chegou a atuar como formadora?

L.S. – Olha, teria que consultar as minhas anotações para lembrar, mas deixa eu ver aqui... Até tenho um rascunho! Tem muita coisa no interior, fora do Rio Grande do Sul acho que só no Paraná, mas assim NO Rio Grande do Sul estive em Ivoti, Feliz, São Lourenço,

Porto Alegre em vários módulos, Vacaria⁵, Feliz de novo no Vida Saudável, Bagé, Santa Vitória do Palmar e em Prudentópolis no Paraná... Acho que basicamente foram esses! Realmente eu não lembro de cabeça, só retomando, mas alguns desses... Talvez tenham faltado alguns!

J.K. – E quais os pontos que tu destaca nas formações que eram realizadas nessas regiões?

L.S. – O que a gente achava muito importante eram as visitas técnicas, as conversas com os gestores locais porque a gente entende que os formadores têm que fazer essa conversa com os gestores para dar a real importância do projeto. Muitas vezes as cidades faziam os convênios sem conhecer direito o projeto, então, a gente tinha essa conversa com os gestores para realmente dar o apoio para os bolsistas no desenvolvimento do trabalho ao longo do ano. A gente teve em locais que inclusive deram problemas que durante as eleições tiveram que suspender o projeto. Essa conversa com os gestores era importante para eles darem o apoio necessário. As visitas técnicas eram muito importantes para discutir com o grupo as possibilidades de trabalho. Muitas vezes muitos dos bolsistas não tinham formação em Educação Física, não tinham nunca trabalhado em comunidades e muitas vezes era o primeiro contato com esse tipo de trabalho. Conhecendo os locais podíamos dar algumas sugestões de tipos de atividades que poderiam ser desenvolvidas ali. As pessoas muitas vezes trabalham pensando no ideal, um local ideal para atuar, material ideal e muitas vezes isso não existe. Até a gente tinha apoio do Ministério quanto ao material, no projeto já tinham vários materiais que eram comprados, mas na realidade alguns locais não poderiam nem atuar com aquele tipo de material que foi comprado e nem com aquela proposta que foi pensada porque muitas vezes quem fazia o projeto não era quem ia atuar depois, geralmente. Então quem pensou o projeto não conhecia a realidade local e pensou em um tipo de atividade e essa não poderia ser feita lá. Essas flexibilizações é que eram importantes nesse contato da formação.

J.K. – E tu teria ideia de quantos formações tu chegou a realizar?

L.S. – Eu posso depois te dar mais preciso, mas...

⁵ Município do estado do Rio Grande do Sul.

J.K. – Sim, não tem problema!

L.S. – Eu acho que em torno de quinze, vinte, talvez. Algumas cidades a gente ia no módulo inicial e o de avaliação... Cada uma dois... Eu acho que de quinze a vinte. Mas depois eu consulto ali e te digo mais preciso [risos]

J.K. – Sem problema! E quais os temas que tu abordava nessas formações?

L.S. – A gente trabalhava com lazer, cultura, esporte, formação e execução de projetos, avaliação do projeto... A gente trabalhava com vários focos, mas principalmente noção de esporte, cultura e lazer, como trabalhar isso com as comunidades.

J.K. – E na tua opinião, como que as formações impactavam os núcleos?

L.S. – Acho que as formações eram importantes para o desenvolvimento inicial do projeto. Muitas vezes chegava na cidade e as pessoas não tinham noção de como fazer, tinha o projeto ali no papel, tinha verba, tinha o material... Mas como chegar na comunidade era difícil para eles. Uma coisa que a gente trabalhava era de fazer visita de porta em porta, fazer um diagnóstico local, ver quem é que morava naquelas casas, quais as possibilidades, turnos, até para montagem do quadro de atividades era importante saber quem é que morava na comunidade, quem eram essas pessoas, se tinham crianças, se tinha idoso, se tinha cadeirante, se tinham pessoas com necessidades especiais para poder montar o quadro de atividades. Era uma coisa que a gente estimulava, fazer um primeiro momento de articulação na comunidade, conhecer aquela comunidade, fazer um diagnóstico, mapear isso para também oferecer atividades que fossem ao encontro das necessidades do local e as expectativas das pessoas. Às vezes tu oferece uma atividade e não tem o retorno porque as pessoas não tem interesse naquela atividade, elas gostariam de ter outras coisas, esse diagnóstico inicial era importante.

J.K. – E teria alguma coisa que tu destacaria no PELC?

L.S. – Eu acho que o PELC ele é importante para dar um pontapé inicial nas cidades, principalmente naquelas cidades pequenas que não tem uma estrutura de esporte e lazer a nível de governo. Eu acho que ele é importante para dar esse pontapé inicial para as pessoas se apropriarem desse direito que elas têm, direito ao esporte, lazer e é dever do estado, do governo, oferecer essas possibilidades. Acho que o PELC teve esse papel muito importante nas cidades para mostrar a importância das atividades físicas, de esporte, de lazer para a comunidade, tanto na questão de saúde quanto de socialização, de vizinhança, de convivência comunitária e acho que isso foi importante tanto para as comunidades se apropriarem desse direito quanto para os gestores entenderem da importância disso até para o desenvolvimento do governo na cidade. Oferecendo essas atividades as comunidades convivem melhor e também o gestor vai ser melhor reconhecido. A importância do PELC para mim é essa porque é um projeto que inicialmente era de um ano e que ao longo do desenvolvimento a gente viu que era importante estender um pouco mais, porque em um ano as vezes é pouco tempo para operacionalizar toda a importância do projeto e para desenvolver ele como um todo. Depois ampliou para dois anos, é um tempo bom, para as pessoas e para os gestores se apropriarem disso e muitos locais inclusive mesmo depois, sem projeto, conseguiram desenvolver atividades próprias nesse sentido. Conseguiriam manter muitas das atividades. As pessoas também foram em busca disso, não tendo mais o projeto como é que o governo, o local, poderia colocar isso em prática... Elas já tinham se apropriado, já sentiam necessidade e gostariam de continuar com aquilo. Acho que foi importante para esses dois setores, tanto comunidade quanto governo.

J.K. – E tu acredita que o PELC cumpre com o papel de inclusão social?

L.S. – Cumpre. Acho que é muito importante porque é um serviço oferecido gratuitamente. Muitas comunidades não têm esse tipo de serviço e se não é o PELC oferecer as pessoas não têm acesso porque muitas vezes não tem verba para se inscrever em uma academia ou fazer parte de algum clube. Acho que o PELC cumpre esse papel nas comunidades por isso, porque ele é oferecido gratuitamente e é um serviço de qualidade porque justamente tem essa formação, esse monitoramento ao longo do projeto. E acho que é importante por isso, se não fosse o PELC, muitas cidades nem teriam essas atividades e muito menos gratuitas.

J.K. – Na tua opinião, teria alguma coisa que poderia ser feita para qualificar mais o programa?

L.S. – Eu acho que a estrutura do programa é boa. Talvez encontros mais frequentes, mas alguns locais sentem necessidade de um apoio maior na questão da gestão tanto dos materiais quanto da prestação de contas que é um problema para os gestores locais... Talvez esse apoio, mais de gestão, porque acho que de formação dos bolsistas, de acompanhamento eu vejo que está bem estruturado.

J.K. – Bom, então para finalizar, teria alguma coisa que eu não tenha te perguntado a respeito da época que tu era formadora, do PELC que tu gostaria de compartilhar?

L.S. – Olha, eu fiquei no PELC por quatro anos e a vivência que eu tive foi muito rica. A gente vai para fazer a formação dos bolsistas, mas a gente aprende muito com eles também. As vezes as pessoas trabalham já em determinadas áreas que vêm a contribuir para a própria formação. E nesses encontros eu achava muito importante as trocas porque isso enriquecia as formações futuras. Eram exemplos que a gente podia levar para outras formações, enriquecedoras, porque em determinados locais que a gente foi a gente via um desempenho tão grande das pessoas em locais, em estruturas tão precárias que para nós também foi um aprendizado. Locais onde mudou a cara da cidade! A gente quando foi no início fazer a formação e quando retornou depois na avaliação, geralmente, observava algum evento que eles já tivessem programado e a gente via o quanto aquilo tinha transformado a cidade. Pessoas que “vestiam a camiseta”... A gente via uma cidade inteira envolvida com aquele projeto e a felicidade e o bem-estar que isso proporcionava. A gente foi assim para cidades grandes, mas também foi para cidades muito pequenas... Interior, aqui tem cidades de duas mil pessoas que isso não é nem o bairro de Porto Alegre, então praticamente a cidade inteira se envolvia com aquilo e isso foi muito gratificante.

J.K. – Então era isso, eu agradeço em nome do Centro de Memória do Esporte.

[FINAL DA ENTREVISTA]